

XXI

TER OPINIÃO

SEM ÁRVORES

NOVAS E VELHAS

FRONTEIRAS

AS ILUSÕES EUROPEIAS

O FUTURO DO CAPITALISMO

O MUNDO DO PÓS-PETRÓLEO

A HERANÇA DE OBAMA

A BABEL DA MOURARIA

O DRAMA DOS REFUGIADOS

A GUERRA CONTRA
O TERRORISMO

ALTA VIGILÂNCIA
NAS REDES SOCIAIS

LIVROS E FILMES DE FRONTEIRA

OCEANO
PORTUGUÊS

SAUDADE

FALSA
FELICIDADE

VINHO
SOBRE-
VALORIZADO

LOIRAS
GORDAS

CANIVETES
SUÍÇOS

IDIOTAS DA ROTA DA

DROGAS
CHIQUE

MEXILHÕES

Nova Lisboa

PONTES
CURTAS

PEIXARIA

MÚSICA
ENGANADOR

ESTRA
SEM L

O E

M E D

ANTÓNIO COSTA SILVA, BERNARDO PIRES DE LIMA, CLARA FERREIRA ALVES, JORGE CALADO, JORGE COUTO,
JOSÉ MIGUEL JÚDICE, MARÇAL GRILO, MARIA MANUEL MOTA, NUNO SEVERIANO TEIXEIRA, SEIXAS DA COSTA

ENTREVISTAS: DURÃO BARROSO, MANUEL CASTELLS E MICHAEL STEPHENS



Yanko Tsvetkov desenvolve, na internet e em livros publicados em várias línguas, um peculiar e bem-humorado projecto de cartografia do mundo dos nossos dias, a que chamou de Atlas do Preconceito. A visão que os vários países têm uns dos outros é um dos traços constantes desse projecto. A pedido da XXI, concebeu um mapa sobre a visão que os portugueses, ou pelo menos os portugueses que Tsvetkov imagina, têm da Europa. Essa é a capa desta edição. O original deste mapa, em inglês, está na página 53.

XXI, TER OPINIÃO
Nº6 JAN-JUN 2016

Propriedade

Fundação Francisco
Manuel dos Santos
Largo Monterroio
Mascarenhas,
nº 1, 8º Piso,
1099-081 Lisboa
E-mail: ffms@ffms.pt
Tel.: 21 001 58 00

Editor

António Araújo

Director

António José Teixeira

Coordenador

João Morgado Fernandes

Conselho editorial

Alexandre Quintanilha
António Mega Ferreira
Bárbara Coutinho
José Manuel Fernandes
Maria de Fátima Bonifácio
Mário Mesquita
Miguel Monjardino
Pedro Santos Guerreiro
Rosália Vargas
Rui Vilar

Administração FFMS

David Lopes

Produtora

Susana Norton

Direcção de arte

Jorge Silva

Design e paginação

Rita Matos/Silvadesigners

Ilustração

André Carrilho
Cristina Sampaio
Tiago Albuquerque

Infografia

Joaquim Guerreiro

Revisão

Helena Soares

Impressão

ProdOut - Gestão
de Produção em
Outsourcing, Lda

Distribuição

VASP - Distribuidora
de Publicações SA
MLP - Quinta do Grajal,
Venda Seca
2739-511 Aqualva-Cacém

Depósito legal

350424/12
ERC
126141

Ilustração de capa

Yanko Tsvetkov

Tiragem

16.500

**Os textos desta edição
seguem a norma
anterior ao Acordo
Ortográfico de 2009.**

Disponíveis as edições
anteriores para consulta
e aquisição em
www.ffms.pt/
xxi-ter-opinioao/

Subscreva a newsletter
e receba as novidades
da Fundação por mail,
em www.ffms.pt

O drama dos
refugiados veio
colocar em
relevo uma das
contradições do
nosso tempo.
Num mundo
que se diz
progressivamente
sem fronteiras,
há cada vez
mais muros.

EDITORIAL

5

A fronteira
da liberdade

ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA

O ESTADO DO MUNDO

10

Quem governa
o mundo?

NUNO SEVERIANO TEIXEIRA

16

Para onde
vai a Europa?

TERESA DE SOUSA

20

DURÃO BARROSO

Congelar Schengen
seria a vitória do terror

ENTREVISTA

ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA

26

Schengen e as ilusões
europeias

FRANCISCO SEIXAS DA COSTA

29

Obama
o transformador
solidário

BERNARDO PIRES DE LIMA

CARTOGRAFIAS

36

A construção
da moderna visão
do mundo

JORGE COUTO

48

Europa infinita

YANKO TSVETKOV

PORTUGAL

58

Meio quilómetro
de Babel

RICARDO J. RODRIGUES

GONÇALO VILLAVERDE

69

Os muros
internos

ÂNGELO CORREIA

72

Crónica
sobre o futuro

DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

ECONOMIA

74

Fronteiras
e competições
no horizonte 2030

JOSÉ FÉLIX RIBEIRO

84

Energias
na fronteira
e fronteiras
da energia

ANTÓNIO COSTA SILVA

89

O mar: a última
fronteira do
planeta!

TIAGO PITTA E CUNHA

MIGRAÇÕES

96

O desafio
e a oportunidade
da integração

GONÇALO SARAIVA MATIAS

100

Drama no
Mediterrâneo

PORTEFOLIO

JOSÉ CARLOS CARVALHO

OUTRAS FRONTEIRAS

108

A terrível fuga
da matança

HUGH EAKIN

126

A ideia de fronteira
em dez filmes

EURICO DE BARROS

155

MANUEL CASTELLS

Combate ao
terrorismo não passa
pelas redes sociais

ENTREVISTA

JOÃO MORGADO FERNANDES

ENSAIO

A ciência
como
ética

JORGE CALADO

130

A humanidade
digital ou o fim
do humanismo

JOÃO LOPES

157

On e off
os novos
Yin e Yang

PATRICIA DIAS

TERRORISMO

136

Escrever fora do
mapa do território

ISABEL LUCAS

116

O quebra-cabeças
da Síria e do Iraque

MIGUEL MONJARDINO

142

Luzes, câmara,
acção. Os filmes
(microscópios)
da nossa vida

RUI MALHÓ

INQUÉRITO

120

A subversão global
em rede

FELIPE PATHÉ DUARTE

162

O meu mundo

MIGUEL REAL

EDUARDO MARÇAL GRILO

MARIA MANUEL MOTA

PEDRO CALADO

JOSÉ MIGUEL JÚDICE

125

MIGUEL STEPHENS

Para os sunitas,
o "Estado Islâmico"
é um mal menor

ENTREVISTA

JOÃO MORGADO FERNANDES

149

Novidades caras
do Universo

JOÃO FERNANDES

CRÓNICA

168

A terra de ninguém

CLARA FERREIRA ALVES



DO NOT CROSS



DO NOT



DO



DO NOT CROSS



DO NOT



DO




DO NOT CROSS



A fronteira da liberdade

ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA



Há pouco mais de um século, a liberdade de circulação parecia uma verdade inquestionável, uma marca de civilização que ia além das fronteiras. Nas suas memórias, Stefan Zweig recorda a dimensão dos direitos de cidadãos livres. “Antes de 1914, a Terra era de todos. Cada um ia para onde queria e ficava o tempo que quisesse. Não havia autorizações, permissões, e divertia-me sempre ao ver o espanto dos mais jovens quando lhes conto que, antes de 1914, andei pela Índia e pela América sem passaporte e sem nunca sequer ter visto um passaporte.” O cosmopolita Zweig começou por ser um vienense feliz. Depois, conheceu duas guerras civis europeias que tiveram dimensão mundial e revelaram a face mais negra da natureza humana. As humilhações não lhe apagaram da memória um tempo em que não havia vistos nem *permits*. O contraste apenas sublinhou o retrocesso. Os seus últimos anos, passados longe da sua Europa tomada pelo nazismo, deixaram-nos o registo de fronteiras tomadas por uma “desconfiança patológica de todos contra todos”, transformadas em barreiras de arame farpado, elas que já tinham sido apenas “linhas simbólicas que se atravessavam com a mesma descontração com que se passa o meridiano de Greenwich”.

O estranho desta história de eterno refluxo não é tanto a tentação do conflito. É a facilidade com que regressa e se invertem valores. Da liberdade e solidariedade à competição e afirmação nacional vai uma pequena distância. A experiência europeia do último século é elucidativa. O pós-guerra trouxe a necessidade da reconstrução,

não só física, mas de laços de confiança. Churchill foi o primeiro a percebê-la, logo em 1946, quando defendeu a criação dos Estados Unidos da Europa, ideia percursora das comunidades europeias e das quatro liberdades de circulação: mercadorias, capitais, serviços e pessoas. O acordo de Schengen, estabelecido há apenas três décadas, foi um passo fundamental para reaproximar os cidadãos, um passo que se alargaria com a queda do Muro de Berlim e o desmoronar do Império Soviético. Muito se ligou e integrou sem perda de identidades, partilhando soberanias, mesmo sem alicerces fortes e com construções incompletas. A exigência dos tempos, da globalização económica ao terrorismo, veio pôr à prova a firmeza dos valores e a lucidez das lideranças. Guerras várias na proximidade das fronteiras externas e o terrorismo dentro de portas fizeram levantar de novo os muros e o arame farpado. A pressão dos refugiados e de outros migrantes congelou a livre circulação. Um milhão bateu à porta da Europa em 2015, o maior movimento desde a II Guerra Mundial, cinco vezes mais do que no ano anterior. O bastante para levantar traumas e fantasmas não muito distantes. As palavras passaram também a delimitar fronteiras: “invasão”, “crise de proporções bíblicas”... A afirmação nacionalista, o medo do estrangeiro, a confusão entre refugiado e terrorista, o preconceito religioso e étnico, a memória tantas vezes contraditória, fazem caminho. A mesma Hungria que em 1957 fugia das tropas soviéticas e era acolhida pelo Reino Unido – cerca de 200 mil húngaros – ergue agora uma cortina de fer-

ro de 175 km na fronteira com a Sérvia e recusa acolher refugiados. Ao contrário da Alemanha, que tem sido um exemplo inteligente, não só pela solidariedade, mas pela renovação demográfica numa Europa envelhecida. São muitas as ameaças à livre circulação, ameaças afinal à própria construção europeia. Outras se levantam no nosso mundo, nos EUA ou em Israel. Um contraste flagrante com as poderosas redes globais de comunicação instantânea, que pulam fronteiras, o que aviva ainda mais a nostalgia dos tempos sem vistos nem passaportes.

As fronteiras nasceram com o homem. Delimitam pertenças, sociedades, culturas, identidades, territórios. Resultam de vontades e conquistas. São o fruto da possibilidade, da força e da fragilidade dos poderes e dos povos. Os seus traçados não têm necessariamente em conta as diferenças. As diferenças, como diz o antropólogo norueguês Fredrik Barth, procuram-se, encontram-se ou inventam-se em função de fronteiras já estabelecidas. A história o demonstra com abundância. Basta olhar para a cartografia de África ou do Médio Oriente. A representação do mundo foi, antes de tudo, uma conquista ao desconhecido, um processo de milénios que a globalização marítima foi construindo, como pormenorizadamente nos conta o historiador Jorge Couto neste número. Os mapas e a cartografia traduziram o mundo conhecido e também o imperativo de controlo dos territórios, necessidades políticas, comerciais e militares. É por isso que os mapas demonstram quem ostenta o poder de os traçar. Os atlas são reveladores de preconceitos, (des)centram-se em função de quem os faz. Podem rodar-se 90 graus para que a Polónia apareça como o coração da Europa ou podem pôr em causa o eurocentrismo dominante quando olharmos para um mapa-mundo chinês, centrado na Ásia. Podem até criar cidades de papel. Em 1925, dois cartógrafos americanos assinalaram Agloe como pequena localidade no estado de Nova Iorque. Nunca

existiu, o nome era um anagrama dos nomes dos seus inventores e um truque para apanhar plagiadores. Nunca existiu, mas ganhou vida. A verdade é que alguns locais leram o nome no mapa e deram-lhe vida. Por lá, conta-se um celeiro e uma antiga leitaria. Agloe nasceu como ficção e renasceu da ficção. Não o suficiente para sobreviver ao Google, que a apagou do mapa há cerca de um ano, mas o bastante para ser pretexto de um filme.

Num mundo cada vez mais caótico, que parece ter perdido o GPS e a memória, faltam referências seguras. Enquanto se levantam barreiras de desconfiança, baixa a guarda aos valores fundamentais da civilização e da democracia. A globalização da comunicação e a multiplicação dos conflitos, num tempo de economias estagnadas e sociedades mais desiguais, trouxe-nos o outro, o estrangeiro, para a nossa proximidade. Demasiadas vezes a reacção é acossada, repulsiva e agressiva. A política fica mais tensa e cede à tentação do músculo. Quem não está por nós está contra nós. A liberdade, a divergência, o pluralismo, os pesos e contrapesos são os balanços certos das sociedades abertas. Quando assim não é, urge fronteiras nítidas na separação de poderes. Em democracia, a fronteira da lei e do Estado de Direito, a fronteira da liberdade de expressão e de opinião são marcos críticos. Não estão adquiridos em definitivo. Como se percebe na Hungria e na Polónia, Estados Membros da União Europeia cujos governos passaram a controlar a Justiça e a comunicação social. As nações estão a fechar-se enquanto a desordem política mundial cresce. A queda do Muro de Berlim há quase 30 anos anunciou um novo mundo, que já foi mais esperançoso. Muito mudou entretanto. E por mais regressivo que seja o seu caminho, convém que tenhamos presente que hoje estamos todos, para o bem e para o mal, mais interdependentes, mais próximos, mais implicados. Voluntária ou involuntariamente. Saibamos estar à altura da liberdade.